

CONTEÚDOS DAS PAISAGENS CAMPONESAS DE UM LUGAR CHAMADO PEDRA LISA

CONTENTS OF PEASANT LANDSCAPES OF A PLACE CALLED PEDRA LISA

JEAN CARLOS VIEIRA SANTOS

Professor e pesquisador do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Quirinópolis. Doutor pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IG/UFU). Pós-doutorando em Turismo pela Faculdade de Economia da Universidade do Algarve (Portugal).

jean.vieira@ueg.br

ROSSELVELT JOSÉ SANTOS

Professor titular do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IG/UFU). Orientador no Programa de Pós-graduação e Coordenador do Laboratório de Geografia Cultural do IG/UFU. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - PQ - (CNPq), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e da UFU.

rosselvelt@ufu.br

Resumo: A obra *Patrimônio imaterial: relações socioculturais camponesas em Pedra Lisa* aborda o Cerrado goiano e uma recente investigação científica sobre o lugar Pedra Lisa, localizado no município de Quirinópolis. Nessa vertente, este artigo tem como objetivo apresentar uma análise sobre o referido livro que discute sobre a camponêsidade, o modo de vida camponês e suas estratégias de permanência no espaço rural. Este trabalho permite ao leitor mergulhar e viajar num mundo de preservação e ressignificação das práticas sociais camponesas. Com isso é possível, a partir dos territórios estudados, compreender as conquistas, perdas e demandas que acompanham a história dos povos do Cerrado e do vale do rio Paranaíba. Consideramos um trabalho interessante, uma vez que destaca a relevância da reflexão acerca das motivações que levam os sujeitos a continuar movimentando a sua cultura e como isso é feito. Nesse contexto, a comunidade de Pedra Lisa se transforma a partir de um movimento cotidiano, e a existência do patrimônio está nas paisagens desconstruídas, reconstruídas, heterogêneas, além dos conteúdos e imaginários que formam as paisagens culturais do lugar – crenças, significados, valores e manifestações, com suas gêneses no meio rural, estão presentes no livro. Diante disso, constatamos que a obra analisada nos leva a participar e viajar num modo de vida camponês contemporâneo, o que a torna um objeto de grande contributo à ciência e ao conhecimento geográfico.

Palavras-chave: Pedra Lisa. Comunidade Rural. Práticas Socioculturais. Quirinópolis.

Abstract: The work *Intangible patrimony: rural socio-cultural relations in Pedra Lisa* addresses the Cerrado in Goiás and a recent scientific research on the place Pedra Lisa, located in Quirinópolis. In this way, this article aims to present an analysis of the referred book that discusses the peasantry, the peasant way of life and their staying strategies in rural areas. This work allows the reader to understand and travel in a world of preservation and redefinition of rural social practices. Hence, it is possible, from the studied territories, to understand the achievements, losses and demands that accompany the story of the people from Cerrado and Paranaíba river valley. We consider it as an interesting work, as it shows the importance of reflection on the motivations that lead the subjects to continue reproducing their culture and how it is done. In this context, the community from Pedra Lisa is transformed from an everyday movement, and the existence of the patrimony is in the

deconstructed, reconstructed and heterogeneous landscapes, besides the content and imaginary that compound the local cultural landscape – beliefs, meanings, values and manifestations, with their origins in rural areas, are present in the book. Thereof, we determine that the analyzed book leads us to participate and travel in a contemporary peasant way of life, which makes it a great contribution object to science and geographical knowledge.

Keywords: Pedra Lisa. Rural community. Socioculturais practices. Quirinópolis.

INTRODUÇÃO

A obra produzida pelo professor Edevaldo Aparecido Souza, da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – *Câmpus* Quirinópolis, aborda o Cerrado goiano e investiga o lugar Pedra Lisa, localizado no município de Quirinópolis (Figura 1/Município de número 08). O texto faz parte da tese de doutoramento (2013) desenvolvida no Programa de Pós-graduação do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IG/UFU).

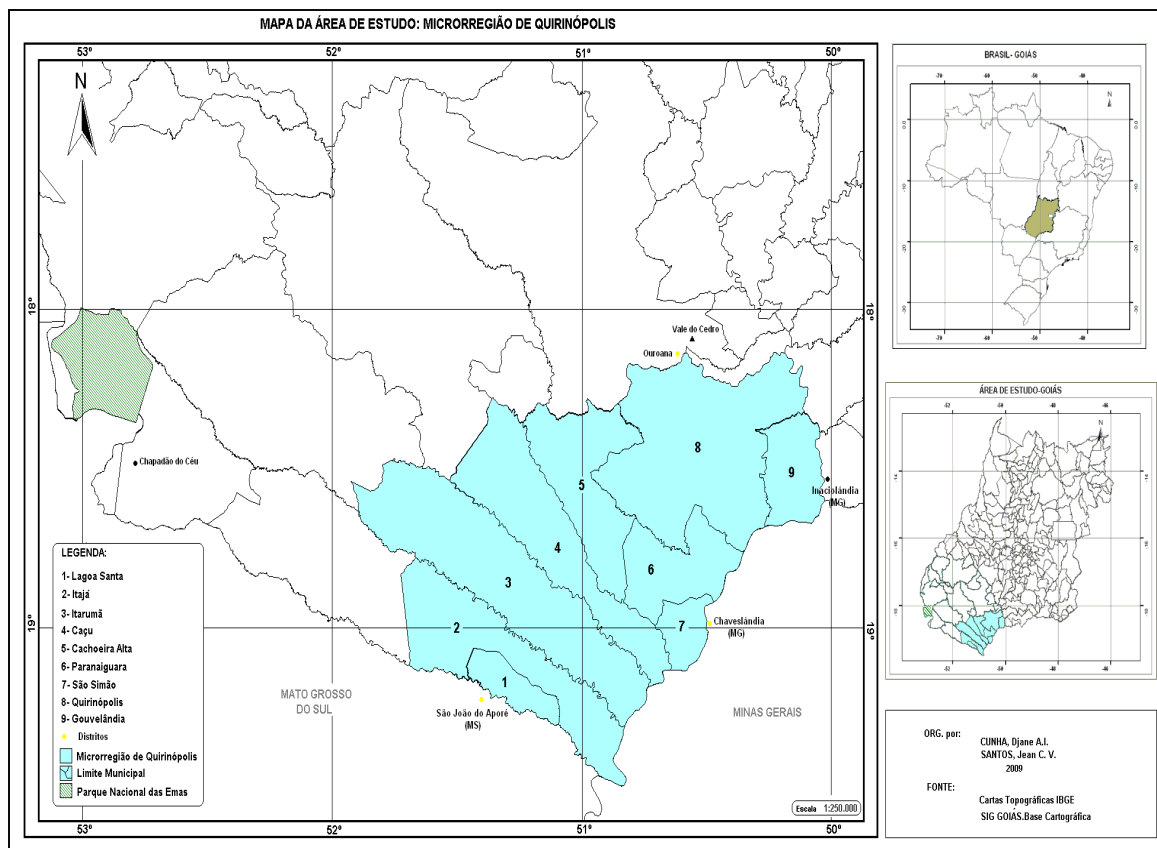


Figura 1: Mapa Microrregião de Quirinópolis – 2008. **Fonte:** SANTOS, J. C. V. Políticas de Regionalização e Criação de Destinos Turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano – Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, IGUFU/Uberlândia (Minas Gerais), 2010.

Nessa vertente, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise sobre o livro *Patrimônio Imaterial: relações socioculturais camponesas em Pedra Lisa*, lançado em junho de 2015 durante o XI Simpósio de Geografia Vale do Paranaíba (SIMGEO) e II

Encontro Camponês em Movimento (ENCAM), realizado na UEG – *Câmpus Quirinópolis*. A temática geral dos eventos foi: *Os movimentos sociais no campo: trajetórias históricas e configurações territoriais contemporâneas*.

O livro lançado (Figura 2) no evento traz uma discussão sobre a campesinidade, o modo de vida camponês e suas estratégias de permanência no espaço rural. Esse trabalho permite ao leitor mergulhar e viajar num mundo em que os sujeitos combinam em distintas proporções o velho e o novo, criando ressignificações das práticas socioculturais. A partir dos territórios estudados foi sendo possível compreender as conquistas, perdas e demandas que acompanham a história dos povos do Cerrado e do vale do rio Paranaíba.

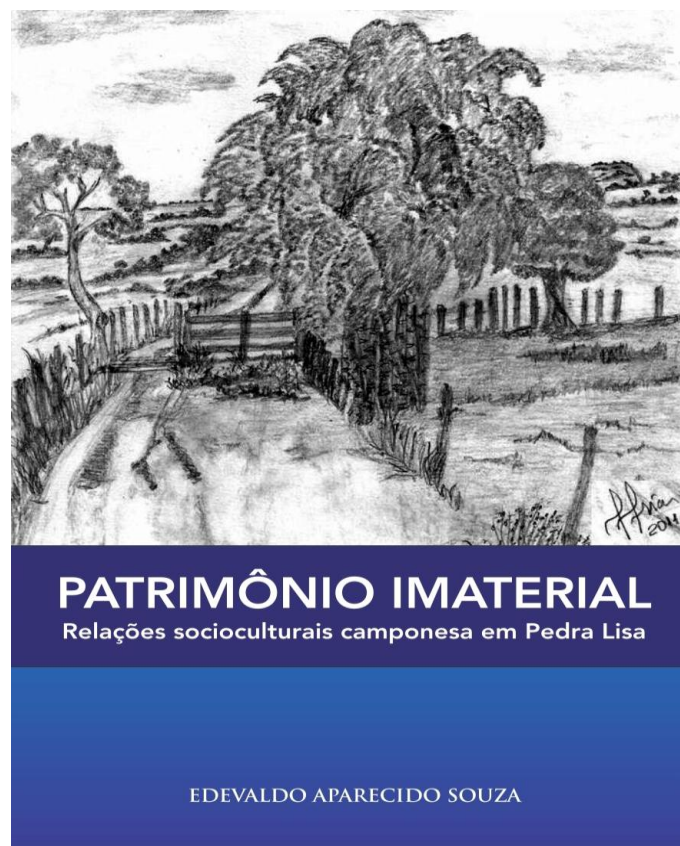


Figura 2: Capa do livro, com destaque para o desenho da Geógrafa e Professora Mestre Maria Aparecida de Souza. Organização: Autores, 2015.

O estilo claro das abordagens ressalta que o que é dito como tradicional já não o é na sua originalidade. Isso amplia e facilita o nosso olhar para o universo cerradeiro, fazendo-nos perceber o compromisso do autor com a geografia que aparece na existência do camponês, conforme os movimentos de produção, as lógicas do agrocombustível e os resíduos patrimoniais.

Consideramos um trabalho interessante, uma vez que destaca a relevância da reflexão acerca das motivações que levam os sujeitos a continuar movimentando a sua cultura e como isso é feito. Nesse contexto, a comunidade de Pedra Lisa se transforma a partir de mutações, revelando-se no dinamismo do cotidiano. A existência do patrimônio está nas paisagens desconstruídas, reconstruídas, heterogêneas, além dos conteúdos e imaginários que formam as paisagens culturais do local – crenças, significados, valores e manifestações, com suas gêneses no meio rural, estão presentes no livro.

Trata-se de um espaço clivado por várias ordens. Desse modo, o patrimônio daquela comunidade comparece nas paisagens metamorfoseadas por práticas socioculturais heterogêneas. O texto enfatiza também a importância de se analisar o comportamento dos membros da comunidade, no tocante às investidas do capital agrário. Nesse aspecto abordado pelo autor estão os camponeses e setores do agronegócio, em que se analisa as diferentes temporalidades e lógicas sociais.

Na obra *Patrimônio Imaterial: relações socioculturais camponesas em Pedra Lisa*, a venda do Zé Major (Figura 3), diante das mudanças ocorridas, é citada como local que movimenta a vida no lugar. É, porquanto, um comércio rural concorrente a incluir as estratégias de existência da cultura camponesa na comunidade, permitindo compreender as reações dos camponeses, expressando suas noções de direito ao lugar, seus laços afetivos e suas reciprocidades com as pessoas do lugar.



Figura 3: Centralidade da Venda do Zé Major na região de Pedra Lisa, Quirinópolis (GO). Organização: Autores, 2015.

Aliados as suas estratégias socioprodutivas, estão em processo de redefinição os vários elementos socioculturais do lugar vivido. As identidades são redefinidas no lugar, assim como

os processos concomitantes de destruição e reconstrução das paisagens da festa, do sagrado, do profano e as relações entre as pessoas da comunidade, com suas diversidades culturais e religiosas.

DO PATRIMÔNIO CAMPONÊS AO AGRONEGÓCIO

No primeiro e segundo capítulos, Souza (2015) caracteriza a área de estudo com uma descrição da paisagem física e cultural em temporalidades diversas, datadas das décadas de 1950/60 até os dias atuais. Nesse estudo da paisagem apresentam-se as relações socioculturais, os modos de vida dos camponeses e as suas territorialidades. São salientadas as características dos recursos naturais e as atividades antrópicas, passando pelas paisagens rurais para, enfim, abordá-las sob as especificidades da comunidade Pedra Lisa.

O autor se estabelece, então, como um dos elementos fundantes para a compreensão das relações entre os camponeses e o Cerrado, assim como entre eles e os vínculos territoriais estabelecidos no ¹ lugar. Nesses termos, Souza (2015) analisa os acontecimentos e as implicações socioculturais nas paisagens, nos territórios e nos conteúdos humanos na Comunidade Pedra Lisa; e a partir das:

[...] alterações da produção dos meios de vida dos camponeses de Pedra Lisa, bem como das suas práticas sociais, foi possível entender o processo que está posto, no tocante à permanência dos seus territórios e modos de vida metamorfoseados, que alteram também a paisagem em sua forma física e cultural (SOUZA, 2015, p. 54).

Desde que a modernização do campo foi sendo processada no município de Quirinópolis, nas décadas de 1960/70, Pedra Lisa vem sofrendo interferências nos modos de vida e de organização espacial, bem como nas atividades da comunidade. São condições impostas pelas dinâmicas e suas contradições específicas que orientam os interesses de remuneração dos capitais investidos na produção e transformação da cana-de-açúcar na região.

Como tal processo não promove apenas o surgimento de grandes lavouras, acaba promovendo também metamorfoses no modo de vida camponês local. Nesse contexto de análise aparecerá o conceito de cerradeiro:

¹ Os vínculos territoriais são resultantes das ações ou práticas sociais de condução e representação da vida (HEIDRICH, 2004).

Às classes sociais que historicamente viveram nas áreas de Cerrado constituindo formas de uso e exploração da terra a partir das diferenciações naturais-sociais experienciando formas materiais e imateriais de trabalho, denotando relações sociais de produção e de trabalho muito próprias e em acordo com as condições ambientais, resultando em múltiplas expressões culturais. Atualmente se configuram nos *trabalhadores da terra*, camponeses e demais trabalhadores que lutam pela terra e pela reforma agrária, territorializando ações políticas contra o capital (MENDONÇA, 2004, p. 29).

Para Souza (2015, p. 58-59), ao examinar o conceito abordado por Mendonça (2004), a denominação Povos Cerradeiros pode ser atribuída também aos camponeses da Pedra Lisa. São homens e mulheres do Cerrado com as características expostas por ele “[...] por meio das formas de uso e exploração da terra, das relações com o meio natural, das relações sociais de produção e de trabalho, e também da constituição de seus modos de vida e expressões culturais”.

A partir da página sessenta e nove, Souza (2015) reflete a respeito das diferentes lógicas sociais identificadas no lugar, sobretudo, a camponesa e a do agronegócio, para analisar as diferentes lógicas e suas contradições. Na leitura da obra é possível observar como o espaço e os territórios camponeses se modificam no espaço-tempo, em que há distintas estratégias camponesas, mesmo com a incorporação de parte do modelo tecnológico capitalista.

Na obra aqui analisada, pensar o camponês do lugar Pedra Lisa revela algumas características do camponês centenário que Candido (1979) e Brandão (2009) descrevem como caipira – isso levou o autor a entendê-lo a partir das lógicas que definem seu ritmo de vida e trabalho, assim como os seus comportamentos sociais. Candido (1979) expõe, como embrião da cultura dos povos tradicionais do Cerrado, o termo caipira no texto em que comenta a espacialização da Capitania Paulista até a região central do país:

Um lençol de cultura caipira, com variações locais, que abrangia parte das Capitanias de Minas, Goiás e mesmo Mato Grosso. Cultura ligada a formas de sociabilidade e de subsistência que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos [...] (CANDIDO, 1979, p. 79).

De acordo com Souza (2015), o camponês de Pedra Lisa é diferente daquele clássico apresentado por esses autores, dado que passou por mutações específicas relativas à reocupação do Cerrado. Na obra ainda é sublinhado que a atividade canavieira para a produção do agrocombustível veicular foi inserida em Pedra Lisa em meados da década de 2000. Com muita desconfiança e receio, os camponeses do lugar tiveram aversão a essa nova atividade.

Quando técnicos da Agroindústria Nova Fronteira visitaram os sítios da comunidade, propondo o arrendamento para a produção da cana, predominaram as recusas de qualquer oferta. No início das atividades em terras vizinhas, o emprego de tecnologias e do manejo de controle de pragas a que não estavam habituados, bem como do sistema de retirada de água dos córregos para irrigação, resultou em uma fase de reclamações e denúncias pelo fato de os moradores se sentirem prejudicados em suas atividades.

Com o passar do tempo, em razão da convivência com os trabalhos dos maquinários (colheitadeira, tremiões e tratores), da identificação das espécies vegetais que não são mais possíveis produzirem em seus sítios, por conta dos maturadores (mamão, laranja e acerola, por exemplo), e do fato de esse lugar ser bem servido por cursos d'água, iniciou-se um período de tolerâncias.

É bem verdade, segundo Souza (2015), que há conflitos e tensões, mas oito propriedades já estão produzindo cana e, conforme as manifestações dos camponeses, mesmo sem aderir a esse tipo de produção, não se questionaram as razões que levaram seus vizinhos a aderir as propostas da usina. De fato, a grande lavoura canavieira chegou a Pedra Lisa e ao município de Quirinópolis porque várias condições concorreram para isso, principalmente os incentivos do Estado.

AS ESTRATÉGIAS E OS LUGARES CAMPONESES

No terceiro e quarto capítulos, Souza (2015) destaca a relação entre modos de vida camponeses e modernidade. Neles o autor estuda as estratégias dos sujeitos envolvidos no processo de reordenamento sócioprodutivo e suas implicações no lugar vivido. Estabelecendo incursões ao processo de reocupação do Cerrado, compreendem-se as condições sociais dos produtores de leite de Pedra Lisa, ante as transformações das modernidades produtivas, representadas pelos instrumentos e equipamentos disponíveis no mercado, assim como pelas políticas públicas impostas a esse lugar.

O autor ao conhecer as diferentes metamorfoses socioespaciais e as especificações dos modos de vida desses camponeses, discute os seus vínculos territoriais estabelecidos a partir das relações de parentesco, vizinhança e religiosa, todos convencionados pelos processos de existência camponesa no lugar Pedra Lisa. Assim, por intermédio do exame das diferentes temporalidades sociais postas no lugar, amplia-se o debate sobre as práticas sociais. Evidencia-se que a partir delas os camponeses produziram (re)invenções nas suas relações comunitárias e com o mercado.

Na perspectiva das ações do camponês, também se contempla as formas como aqueles produtores desenvolvem seus meios de usar o espaço. Neste caminho debatem-se as transformações desses usos e de como eles se convertem, em momentos distintos, como uma das estratégias contidas nas sociabilidades camponesas: “A festa é e sempre foi uma necessidade para os camponeses de Pedra Lisa. Para rezar, precisam da festa, mesmo que seja apenas um jantar. Para trabalhar, precisam dela, para descansar, para comemorar” (SOUZA, 2015, p. 142).

Nesse apontamento aparecem Santos e Kinn (2009), que compreendem a dimensão do religioso como sendo práticas sociais mediadas pela reciprocidade, que revelam uma moral presente nas relações sociais. Para eles, tais obrigações possuem uma sociabilidade forçada, para garantir o compromisso e o envolvimento de todos. Ao se preparar uma festa, por exemplo, a participação dos sujeitos implicava:

Uma forma de demonstração de envolvimento com as coisas da comunidade. A reciprocidade era uma construção social que representava uma troca necessária, uma sociabilidade forçada, imposta socialmente, em que os sujeitos sociais se viam obrigados a participar dos eventos. Desse modo, a reciprocidade funcionava como um compromisso comunitário que se ajustava às imposições sociais e funcionava como resposta à troca obrigatória e aos compromissos sociais de cada pessoa, para com o grupo social (SANTOS; KINN, 2009, p. 62).

Alguns guardam, em seu imaginário, tanto as formas quanto os cheiros, sons e cores que as festas proporcionavam como instituição calçada na doação aos santos padroeiros. A memória, por vezes saudosista dos festejos, comparece quando falam sobre a saudade de festas juninas e quadrilhas que ocorriam em Pedra Lisa, organizadas pela escola rural; e das danças de catira, tão apreciadas por todos da comunidade e da cidade.

No quarto capítulo é apresentado o lugar vivido pelo camponês de Pedra Lisa e analisa-se como ele continua existindo num território em transição. A partir das tensões socioespaciais, por intermédio das contradições que se apresentam com as atividades do agronegócio, analisam-se as suas ações e reações, bem como o sentido das suas práticas socioculturais, por vezes reeditadas nas criações de animais, na utilização de tração animal, no uso da roda d'água, nos diferentes tipos de trocas e suas reciprocidades, na religiosidade das festas, dentre outras formas de exercer as suas territorialidades.

Nas palavras do autor, o lugar é caracterizado da seguinte forma:

O lugar Pedra Lisa é composto por características marcantes de uma comunidade camponesa, com alto grau de parentesco, que se tornaram proprietários por herança (“tudo é parente. À beira do córrego é tudo família, parentes e amigos”), onde algumas das práticas sociais, religiosas e produtivas ainda permanecem coletivas. Mesmo que haja famílias que tenham adquirido propriedades a partir da compra, o tempo de vida

nessa comunidade estabeleceu fortes vínculos com o lugar e com as pessoas que já habitavam o lugar, fortalecidos, sobretudo, pelas relações vividas no campo religioso, nas festas, nas formas de produção e também nas relações de vizinhanças e compadrio. No decorrer do capítulo, trataremos do parentesco como uma especificidade dos vínculos territoriais (SOUZA, 2015, p. 153).

Metodologicamente, o pesquisador envolve-se com o lugar, seus saberes e fazeres camponeses até se chegar às suas estratégias e arranjos socioculturais e produtivos para analisar os usos dos patrimônios culturais daqueles sujeitos. Desse modo, destaca-se o lugar vivido pelo camponês de Pedra Lisa, em que se verifica a existência de produtores rurais encurralados pelo otimismo do capital investido no setor sucroalcooleiro, o qual cria e recria como processo um espaço repleto de articulações, tensões e contradições.

A partir do lugar, o autor também enxerga:

[...] as transformações socioculturais das famílias camponesas produtoras de leite de Pedra Lisa. Centramos as nossas atenções nas formas de organização do espaço vivido, da estruturação dos modos de vida e das relações com o fenômeno da modernidade tecnológica de produção, inseridas no lugar, transformando paisagens e territórios. É comum encontrar, logo na entrada da propriedade, uma antena parabólica, que contrasta com a casa simples e rústica. A televisão substitui o rádio. Na lida com o leite, encontramos algumas combinações. O rádio ainda está presente; e a moto e o carro não suprimiram totalmente a utilização da carroça. As especificidades sociais, além de nos remeter ao lugar, permitiram apresentar as relações sociais e a sua relevância para ponderarmos a existência camponesa no espaço em mutação. A partir dessa categoria, considera-se que a produção do espaço é, ao mesmo tempo, construção e destruição de formas e funções sociais dos lugares (SOUZA, 2015, p. 154-155).

Tendo como centralidade de análise o lugar, os arranjos socioculturais que comparecem como alma das suas territorialidades ajudam a caracterizar a existência camponesa particular em Pedra Lisa. Estuda-se nesse propósito a capacidade dos camponeses locais de se reinventarem. Como particularidade das práticas socioculturais observa-se sociabilidade camponesa em reforçar os acordos tácitos que comparecem na organização das festas.

Como o modo de vida não abandonou totalmente as práticas medicinais, as rezas e a reciprocidade na troca de alguns serviços, no lugar, a produção de leite também consegue combinar os ritmos de trabalho com os ciclos de natureza. Nesse contexto, os saberes e fazeres são observados na administração do seu tempo. No período chuvoso trabalha-se para ter alimento para o gado leiteiro manter a produção na estiagem. O canavial como volumoso e mesmos os silos de superfície, composto basicamente de cana, milho ou mileto, como práticas socioculturais comparecem nas propriedades como estoque de comida para as vacas leiteiras, indicando valor econômico e mais do que isso: faz parte da sociabilidade e das estratégias que os qualificam como sujeitos daquele lugar.

No lugar e no local, assim como na vida prática dos camponeses de Pedra Lisa, os resíduos emergem no individual, no singular e nas singularidades. Na ausência do Estado e das políticas públicas, em Pedra Lisa, compreendemos que são os camponeses quem organizam, por exemplo, seus sistemas de trocas que fazem acontecer a vida e a sua existência. Todavia, mesmo com a presença das imposições de várias ordens, há as singularidades, as particularidades, o jeito próprio de cada camponês e de cada família responder às determinações do Estado, do mercado, do espaço. Na instância da estrutura comunitária, Igreja, escola, família, o tempo e as mediações do religioso, da cultura, representados pelos saberes e fazeres, assumem um movimento próprio, dialético, caracterizando as especificidades dos resíduos da Comunidade Pedra Lisa (SOUZA, 2015, p. 159).

O entendimento das práticas camponesas na comunidade Pedra Lisa, bem como de seus conteúdos socioculturais, transpostos para o produtivo é revelada no livro a partir das formas com que os resíduos sociais propiciam habilidades e competências a esses sujeitos no uso do espaço. Desse modo, há práticas sociais que foram reinventadas para serem aproveitadas nas atividades presentes. Recorre-se a tais saberes em momentos oportunos e, quando isso acontece, eles se revelam no cotidiano, podendo ser vistas como vitalidades dos sujeitos da comunidade estudada.

O caráter religioso oportuniza aos camponeses de Pedra Lisa, mediar a relação com a divindade, a qual continuamente reestabelece a ética camponesa. Esta lhes garante a vitalidade e a irredutibilidade, sobretudo no tocante à honestidade, sinceridade e solidariedade entre as pessoas. Essas formas de ser no lugar foram observadas, inclusive quando os vizinhos se reúnem para pagar votos aos seus santos de devoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto recupera partes de um debate importante relacionado a sistemas produtivos que ao serem clivados pela modernização e globalização acabam revelando uma riqueza de estratégias socioculturais que contribuem para compreensão do modo de vida camponês. Sendo assim, procuramos destacar as práticas socioculturais reinventadas que compõem o cotidiano em meio às atividades e racionalidades impostas no lugar. O livro analisado sustenta que há famílias de camponeses que não estão preparadas ou não querem entrar no mercado tendo que se submeter totalmente a lógica do capital acumulativo.

A leitura das especificidades camponesas indica rupturas tanto com o tradicional, quanto com as imposições contemporâneas do mercado. Trata-se de lógicas sociais que indicam formas do camponês continuar reinventando suas territorialidades em um espaço em

mutação, em que nem tudo permanece como forma antiga de produção de produtos e da própria vida.

Desse modo, entende-se que os camponeses de Pedra Lisa assumem na relação com as suas “residualidades” e territorialidades possibilidades de empreenderem estratégias para lidarem com as imposições do mercado.

O trabalho é singular. O professor Edevaldo Souza na sua trajetória acadêmica teve além da UFU, formação pautada no pensamento geográfico presente na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) – *Câmpus* Três Lagoas e da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP) – *Câmpus* Presidente Prudente.

Os desenhos de Maria Aparecida de Souza e Gabriel Lucas de Souza Ribas enriquecem o livro, uma vez que retratam densas situações socioculturais. Nas paisagens visitadas e investigadas, eles representam e reforçam a relevância dos modos de vida das famílias que vivem em Pedra Lisa. A partir do lugar, esses desenhos de vidas ilustram as formas de organização no espaço vivido, as sociabilidades e os diferentes vínculos com os territórios.

Diante dos aspectos mencionados, constatamos que a obra analisada nos leva a conhecer por dentro o modo de vida camponês contemporâneo, o que a torna um objeto de grande contributo à ciência e ao conhecimento geográfico, bem como para as áreas afins.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **No rancho fundo: espaços e tempos no mundo rural.** Uberlândia: EDUFU, 2009.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito.** 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

HEIDRICH, Á. L. Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S. SAQUET, M. A. **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens.** Francisco Beltrão: Unioeste. 2004. P. 36-66.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano.** 458 f. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

SANTOS, J. C. V. **Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa, no Baixo Paranaíba Goiano.** 367 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IGUFU), Uberlândia, 2010.

SANTOS, Rosselvelt José; KINN, Marli Graniel. Festas: tradições reinventadas nos espaços rurais dos Cerrados de Minas Gerais. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 58-71, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/ojs/index.php/espacoecultura/article/view/3555/247>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

SOUZA, Edevaldo A. **O território e as estratégias de permanência camponesa da comunidade Pedra Lisa no processo de expansão das lavouras de cana-de-açúcar, em Quirinópolis (GO)**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

SOUZA, Edevaldo A. **Patrimônio imaterial: relações socioculturais camponesas em Pedra Lisa**. Uberlândia: Composer, 2015.